

Tênis: dá para jogar aqui?

Maísa Ferreira

Apresento o relato da minha experiência como professora de Educação Física da Educação Infantil em uma escola particular localizada em Campinas-SP. Traduzo em palavras o que me tocou. Não é um manual de dicas de como deve ser uma aula! O que aconteceu pode não te acontecer, e isso é uma das características mais potencializadoras do ser professora.

A narrativa a seguir conta sobre as aulas do segundo semestre de 2017. Foi nessa escola que iniciei minha profissão como professora. Me formei em dezembro de 2016, e, em fevereiro de 2017, comecei a trabalhar. Logo que as aulas se iniciaram, os caminhos foram lentamente se constituindo. Continuei com as temáticas do professor anterior, porém embebida pelos princípios do currículo cultural da Educação Física. Foi a partir disso, que eu realizei o mapeamento das práticas corporais, que estavam presentes na cultura dos alunos.

A escola não apresentava Projeto Político Pedagógico, e além disso, realizar determinadas perguntas para identificar as práticas corporais que transitavam na cultura corporal daquelas crianças não era viável. Elas ainda não escreviam de forma que eu as compreendesse e elas também não compreendiam a minha escrita. Para piorar, muitas delas não me entendiam e vice-versa. Afinal, elas produzem outras formas de viver, outra cultura, bem distante da minha. E foi com esse olhar em busca de práticas corporais presentes ali que, em um final de semana, na escola tive o dia das mães. Apesar de a escola não obrigar a minha presença naquele evento, eu preferi ir. Estar próxima das famílias poderia ser uma opção para mapeá-las.

Logo no início do evento, olhei para o portão da escola e lá estava: um dos alunos, de mãos dadas com o seu pai, ambos trajando a vestimenta de Tênis! E ainda mais... Raquete pendurada nas costas. O entusiasmo tomou conta de mim, não tive dúvidas e fui logo indagando: “*Vocês estavam jogando tênis?*” E o aluno me respondeu rapidamente “*Eu faço aulas de tênis*”. Pronto! Esse dado só se fortaleceu, quando eu percebi que esse menino era o mesmo menino o qual fui alertada em meu primeiro dia na escola pelas professoras, que o classificavam com a identidade de “aluno problema”.

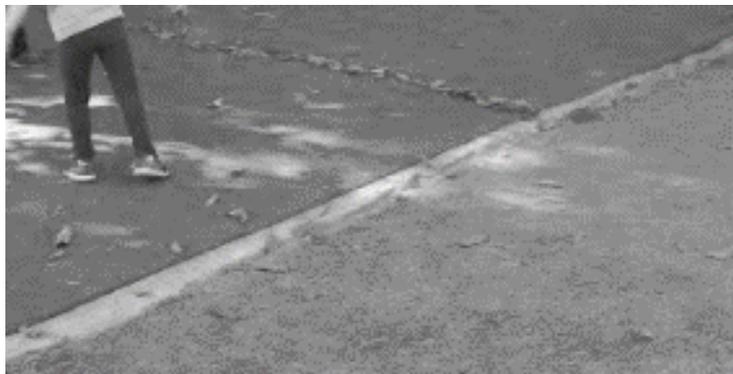
O mundo é produzido por diversas formas de representação, expostas através da linguagem. Quando a criança nasce, uma raquete só será uma raquete quando ela associar a imagem a essa palavra. É comum que as crianças quando não sabem o que é determinado objeto criem nomes para ele ou atribuam a ele significados diferentes do que os que circulam na sociedade. Na educação infantil a minha intenção é, por meio das representações produzidas pelas crianças, mostrar que há diferentes formas de enxergar o mundo. Reforçar que cada cultura vê o mundo de formas diferentes. Ensiná-las também a reconhecer a cultura do outro, as formas como os outros representam as coisas e como, principalmente, são representados.

No semestre seguinte (segundo semestre de 2017), iniciei, enfim, a tematização do tênis. A turma desse aluno era o Pré II (4 e 5 anos) do período da tarde (10 alunos), porém existia também a turma do Pré II manhã (também com 10 alunos), para a qual eu também decidi tematizar o tênis. Na primeira aula, levei uma raquete e algumas bolinhas de tênis, que disponibilizo. Coloquei dentro da minha mochila, e quando eu entrei na sala de aula, imediatamente coloquei a raquete e as bolinhas entre eles. Não precisei dizer nada... *“Tênis! Olha a bolinha de tênis. Eu também tenho raquete. Nossa é grande. É pesada! Que linda! A gente vai jogar tênis? Aqui não tem quadra. Não tem como jogar! Na escola não dá para jogar tênis. Mas como joga?”*. Em seguida, deixei a raquete e as bolinhas de tênis passarem por eles, uns faziam alguns movimentos, outros tinham dificuldade de segurar por causa do peso, outros jogavam a bolinha bem longe, outros tentavam bater com a raquete na bolinha.

“Professora! Só tem uma raquete, não dá para todo mundo jogar. Ué? Enquanto um joga o outro espera”. Perguntei se todos concordariam com essa ideia proposta por uma aluna. E, com a concordância de todos, começou uma criança de cada vez a pegar a raquete e a bolinha e realizarem diversos movimentos. Teve aluno que colocou a bola em cima da raquete e tentou equilibrar, outro colocou a bola em cima da raquete e tentou jogar longe, outra quicou a bola no chão e bateu na bolinha, outros diziam: *“não faço a mínima ideia de como fazer isso”*. Não tardou para que a turma desse sugestões de como segurar, bater e jogar... *“Professora, de quem é essa raquete? Você joga? Meu pai joga e eu vou assistir! Eu faço aula de tênis! Professora eu já vi essa raquete na loja de 1,99 lá no centro, porque você não compra pra todo mundo? É baratinha e aí todos podem jogar juntos.”*

Eu não hesitei! Fui até o centro da cidade e encontrei a raquete de plástico que imitava a raquete profissional de tênis. Comprei 10 raquetes, cada uma custava R\$2,00.

Levei na aula seguinte: *“que demais! Agora sim podemos jogar todo mundo. Muito melhor! É mais leve, dá pra segurar. Mas não temos rede, não tem como jogar. Ué, podemos fazer a rede do tênis com as folhas que caíram da árvore.”* E então:



“Mas a rede não é assim, professora!” Eu perguntei: mas como é, então? *“É mais baixa que eu! Bate aqui ó...”* – a criança colocou a mão onde bate a rede em comparação ao próprio corpo- *Ela é como se fosse de barbante! Professora, traz barbante na próxima aula para a gente fazer a rede!”* Na outra aula, levei o barbante e construímos nossa rede. Prendi na altura que eles falaram - de um lado na árvore e do outro lado no escorregador. Eu apenas fiz o que eles disseram que era para fazer:



Identifiquei, durante a conversa entre os alunos enquanto prendíamos o barbante, disputas de qual seria exatamente o tamanho da rede. Outro ponto levantado pelas turmas foi o espaço da escola não daria conta para fazermos a nossa quadra de tênis, porque ela *“é muito grande!”* Essa discussão durou uma boa parte da aula, e, as crianças justificavam os seus argumentos com as seguintes falas: *“lá onde meu pai joga é assim”* – colocava o barbante mais pro alto, *“eu vi na TV, e não é assim!”* – colocava o barbante mais para

baixo, “a minha aula de tênis a gente faz de outro jeito” – quando a bolinha caía longe do local onde eles estavam jogando.

Nesse momento, peço licença ao leitor, pois ao chegar até aqui na leitura do meu relato, parece que os meus registros, utilizando a câmera, estavam caminhando tranquilamente. Mas, na aula que eu tirei essa foto acima, a coordenação me chamou a atenção, pois era proibido tirar fotos na escola. Por isso, nessa tematização do tênis, percebe-se a presença de poucas fotos, e, enquanto eu argumentava com a escola a importância das fotos, busquei outras formas de registrar minha prática. Continuei com as minhas anotações no caderno, porém, a partir desse momento, comecei a gravar áudios no celular todo final de aula de modo a registrar os acontecimentos.

Na outra aula, eu levei uma foto colorida impressa em uma folha A4 que retirei do Google imagens. Apresentei essa imagem, pois durante as nossas conversas, o tênis que os pais jogam no final de semana e as aulas de tênis em escolas de esporte, predominantemente eram referência do tênis para as crianças.



Mostrei para os alunos no início da aula, de modo que todos a manuseassem. Nada disse. Não tardou e, eles começaram: “*Isso não é tênis, porque tênis é na grama. Um dia eu estava indo para a praça do coco¹ e no caminho eu vi pessoas jogando tênis mais ou menos assim. Não, tênis é na areia!*” A partir disso problematizei: afinal, o tênis é na grama, na areia ou no cimento? Uma aluna logo me respondeu: “*não pode ser nos três? Dá para jogar nos três*”.

A partir disso, amarramos o barbante no parquinho onde tinha areia. Na outra aula, amarramos o barbante em um espaço da escola que era de cimento, e na outra, amarramos

¹ Praça que fica em Barão Geraldo, e que em um dos caminhos para se chegar nela, passa-se pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, onde dá para ver quadras de tênis.

aonde tinha grama. Quando eles foram jogar, me disseram que tênis se joga em dois e eu disse: então vocês conversem entre cada dupla como é o jogo de tênis, joguem e ao final da aula contem para a turma o que vocês decidiram. Diversas foram as formulações: *“vale dois pingos, vale um pingo, não pode jogar muito longe, vale quantos pingos quiser!”* Nas aulas seguintes, vivenciamos o jogo com cada regra produzida, analisamos quais eram boas e quais não davam certo, na tentativa das crianças se posicionarem diante de todxs, para reconhecermos os diversos modos de jogar produzidos pelas duplas.

Durante os jogos, os alunos reclamaram muito sobre a rede. Disseram que a bolinha passa por baixo do barbante e *“não vale”*, porém era muito difícil de visualizar se a bolinha passava. Disseram: *“a rede ainda não é assim professora, ela é inteira, a gente poderia colocar um pano, alguma coisa para não passar a bolinha”*. Peguei uma corda na escola e coloquei no seu corpo um pedaço de TNT. Fomos para mais uma tentativa (nesse momento eu consegui a autorização para retornar com os meus registros, utilizando a câmera sob algumas condições):



Mas não deu certo! Quando colocamos o TNT, com o peso, a corda ficou mais baixa, e as crianças ficaram muito incomodadas por conta da rede ter ficado um lado mais alto em relação ao outro lado, mais baixo: *“tá tudo torto!”* Percebi que para aquelas crianças, só seria o tênis se tivesse uma rede como eles representavam. Iniciei outra tarefa: encontrar uma rede de tênis, de fato. Diante da improvável tarefa, resolvi fazer uma rede para que as crianças pudessem vivenciar o tênis. Passei um final de semana construindo uma rede de tênis, coloquei no porta-malas do meu carro para a aula de segunda-feira. Na madrugada de domingo, roubaram o meu carro, e conseqüentemente a rede. A nossa rede! As nossas raquetes! As nossas bolinhas! O nosso jogo de tênis... Frustração!

Ao chegar na escola os alunos já viram que eu estava sem nenhum material na mão e me lembrei de quando eles disseram lá no começo da tematização, que não tinha como jogar tênis na escola. Comecei a pensar que ao estar totalmente sem nenhum material poderia afirmar a representação de que eles não poderiam jogar tênis naquele espaço. Mas não.... Conteí a situação e, diante dela, eles disseram que iam pedir as bolinhas de borracha que outra turma tinha. Uma aluna já foi logo pedindo barbante para a professora da sala, e eles disseram que a raquete poderia ser a própria mão deles, e que eles só deveriam fechar bem os dedos e deixar a mão bem dura. Jogamos nosso tênis!

Na volta para a minha casa, nesse mesmo dia, eu passei na loja de 1,99 e comprei outras raquetes. Depois, construí novamente a rede. E, com a rede pronta, fui para a aula:



No final desta, convidei, para a próxima aula, o aluno, o qual foi fundamental para a decisão da tematização do tênis, para que descrevesse como eram suas aulas de tênis e explicar para a turma da manhã também. Então, na outra aula, ele nos contou: *“nós fazemos um alongamento, que é para esquentar o corpo, para avisar o corpo que vamos jogar tênis. Depois nós brincamos de pega-pega tênis e depois jogamos o tênis”*. O aluno “puxou” o alongamento com a turma, explicou o pega-pega tênis e na hora da vivência do jogo de tênis ele disse: *“professora, você fica de um lado da rede, e a gente do outro, você joga a bolinha para gente, depois de um pingo nós precisamos rebater”*. Eis aqui outra forma de jogar tênis, que os alunos tiveram contato.

Durante sua participação, o aluno também comentou que usava uniforme para fazer as aulas de tênis. Uma menina levantou a mão e disse: *“eu também já fiz aulas de tênis, posso trazer meu uniforme na próxima aula para mostrar?”* Eu a autorizei levar, e disse que quem tivesse alguma vestimenta de tênis poderia trazer na próxima aula. Mas apenas ela e o menino levaram.



Depois da aula que o aluno nos explicou sobre o seu treino, as turmas começaram a significar o tênis de formas diferentes. Na turma que os alunos trouxeram o uniforme, uma menina comentou ter visto o tênis na televisão no final de semana com a sua família, e percebeu que, quando a bola caía no chão, *“a plateia batia palma”*. Além disso, nessa turma um aluno comentou que também viu na televisão *“um jogador muito bom chamado Federer”*. Enquanto isso, a outra turma, exclamava que *“era muito difícil jogar, quando a bola é jogada longe chegava a ser impossível rebater, e precisa dar um jeito nisso”*.

Assim, para a turma que disse sobre o jogador profissional, eu levei outras imagens de outros jogadores e outras jogadoras profissionais de tênis e expliquei que eles eram profissionais, que ganhavam dinheiro para jogar. Disse também que aquilo era um tipo de tênis, que o tênis que as mães e os pais deles jogavam era um outro contexto do tênis, e ali, na escola estávamos produzindo outras formas de jogar o tênis, pois foi desse modo que o jogo se constituiu ao longo do tempo como conhecemos. Nessa mesma aula, vivenciamos a plateia: 2 alunos jogavam enquanto os outros esperavam sentados e quando a bola caía dentro da linha desenhada por eles que representava a quadra, os alunos sentados batiam palma. Para a outra turma, eu levei mais imagens da quadra de tênis e nós fomos desenhando a linha no chão e entendendo aonde a bolinha poderia cair, como era essa regra no tênis para resolver o problema da bolinha ir muito longe.

Para encerrar esse tema com os alunos eu queria leva-los para as quadras de tênis da UNICAMP. Porém, já estávamos no final do semestre, e o tempo era curto. Mas, a escola sempre faz festa de encerramento, e nesse ano, para a minha sorte, a festa foi na Casa do Lago², ao lado do local que tem as quadras de tênis. Assim, pedi para a diretora

² espaço de eventos dentro da UNICAMP.

a possibilidade de pararmos naquele local para as crianças verem as quadras, e ela disse que não daria tempo. Insisti! No dia do passeio as crianças não desceram do ônibus, mas da janela conseguiram ver a quadra, pois o motorista estacionou bem perto.

As crianças olharam as linhas, a rede, o piso e as pessoas que estavam jogando, e como jogavam. Além disso, essa turma tem um caderno, no qual registram suas atividades do dia, e, em conjunto com a professora da turma, pedi para que eles desenhassem o que, enfim, era o tênis, o que identificaram do tênis. Desenharam! Levaram para casa para os familiares verem, e arquivamos essa produção na escola para estudos futuros. Entre os registros, observei: raquete, bolinha, pessoas, quadra com linhas, rede, plateia, uniforme.... Por fim, organizamos um campeonato juntando as duas turmas, no campeonato teve: jogadores, plateia, juízes, rede, linha, raquete, bolinha e uniforme.

Percebi, ao final do semestre, por meio dos registros das nossas práticas, que os discursos dos significados enunciados por eles no início da tematização se transformaram ao longo do estudo do tênis. O tênis era uma prática corporal impossível de ser praticada na escola pelas crianças de 4 e 5 anos, porém foi ressignificada, traduzida pelas crianças de forma a torna-la possível de ser realizada por elas, colocando as crianças como produtoras culturais.

Acredito que dar aula é deixar que as coisas me afetem, sem controle. É deixar vir, de repente... Ao utilizar as minhas palavras, descrevi o que me afetou, porém quando minha experiência se torna inúmeras palavras estruturadas, ela se torna outra experiência para mim e para o leitor. Talvez, durante as minhas aulas, tenham acontecido coisas que você perceberia, e eu não. E por isso, essa é a minha experiência. O que te afeta? Sua aula te afeta? Qual é a sua experiência?